O LIQUIDIFICADOR DE JOÃO DA SILVA III

Por: Arnaldo Lemos Filho

Quem ensinou João da Silva a sonhar?

Vamos conhecer a história de João da Silva. Com pouco mais de vinte anos, ele deixou o interior do Nordeste e chegou a São Paulo em busca de uma vida melhor. Morava num pequeno quarto alugado numa casa da periferia, levantava-se antes do amanhecer, enfrentava ônibus lotados e passava o dia inteiro trabalhando numa fábrica de móveis. À noite, o cansaço era maior que qualquer outra coisa. Ainda assim, João sonhava.

Sonhava em casar-se com Maria, sua namorada. Sonhava em comprar uma casa bonita, mobiliada com aqueles móveis que ele mesmo ajudava a fabricar todos os dias. Sonhava em ter um carro, abrir um pequeno comércio e, um dia, voltar à sua cidade natal para mostrar aos parentes e amigos que tinha vencido na vida.

Até aqui não há nada de estranho. Todos nós sonhamos.

Mas Karl Marx fez uma pergunta inesperada: **Será que esses sonhos nasceram realmente dentro de João... ou alguém os ensinou a sonhar dessa maneira?**

João acreditava sinceramente que basta trabalhar com dedicação para conquistar tudo aquilo que desejava. Acreditava que o esforço individual era suficiente para vencer. Quando via alguém rico, pensava que aquela pessoa trabalhou mais, foi mais competente ou aproveitou melhor as oportunidades. E quando encontrava alguém vivendo na pobreza, tendia a imaginar que lhe faltou empenho ou determinação.

É justamente nesse ponto que Marx introduz um dos conceitos mais importantes de sua obra: **a ideologia**.

Não porque João esteja mentindo. Nem porque seja ingênuo, mas porque interpretava a realidade através de ideias que aprendeu ao longo da vida e que lhe pareciam absolutamente naturais.

Ninguém nasce acreditando que sucesso significa possuir uma casa maior, um automóvel melhor ou uma roupa de determinada marca. Também não nascemos pensando que riqueza é sempre fruto

exclusivo do mérito individual ou que pobreza decorre apenas da falta de esforço.

Essas ideias são aprendidas. São repetidas na família, na escola, na publicidade, nos programas de televisão, nas redes sociais e, muitas vezes, até nas conversas mais comuns do cotidiano. Depois de tantos anos ouvindo as mesmas explicações, deixamos de percebê-las como interpretações. Passamos a tratá-las como se fossem verdades evidentes.

Ideologia nada mais é do que um conjunto de ideias, valores e normas que orientam nossa maneira de pensar, sentir e agir. Sua força está justamente em fazer com que determinada visão de mundo pareça natural, quando, na verdade, é resultado de um processo histórico e social.

É por isso que frases aparentemente simples encontram tanta aceitação. "Quem quer, consegue." "Pobre é pobre porque não trabalhou o suficiente." "Basta esforço para vencer."

À primeira vista, parecem expressões de bom senso. Entretanto, quando aceitas sem reflexão, escondem questões muito mais profundas: a desigualdade na distribuição da riqueza, as diferentes oportunidades de acesso à educação, a concentração dos meios de produção e as condições concretas de vida de milhões de pessoas.

Isso não significa negar o valor do esforço pessoal. Significa apenas reconhecer que a sociedade oferece pontos de partida muito diferentes para pessoas diferentes.

João da Silva trabalhava honestamente. Saia de casa antes do nascer do sol e voltava quando a noite já tinha caído. Fazia planos, economizava, sonhava com um futuro melhor. Nada disso estava errado. O problema começava quando acreditava que o sucesso ou o fracasso dependiam em exclusivamente de sua vontade, como se todos disputassem a mesma corrida largando exatamente da mesma linha de partida.

Marx chamou de ideologia essa forma de compreender o mundo que oculta as relações de poder existentes na sociedade. As ideias dominantes de uma época, dizia ele, tendem a ser justamente as ideias da classe dominante. Não porque alguém as imponha pela força o

tempo todo, mas porque elas são continuamente reproduzidas pelas instituições sociais — pela escola, pela família, pela religião, pelos meios de comunicação e, hoje, de maneira muito intensa, pelas redes sociais.

É assim que João aprendia não apenas a trabalhar, mas também a desejar. Aprendia o que significava sucesso. Aprendia o que devia admirar. Aprendia quais pessoas mereciam respeito. Aprendia até o que devia comprar para sentir que vencera na vida.

E justamente porque aprendeu tudo isso desde muito cedo acreditava que essas ideias nasceram espontaneamente dentro dele.

Talvez esta seja a forma mais sofisticada da ideologia. Ela não obriga. Ela convence. Não precisa impor. Basta fazer parecer natural.

João continua sonhando. E faz bem em sonhar. Os sonhos são parte da condição humana. O desafio começa quando deixamos de perguntar de onde vieram esses sonhos e quem se beneficia quando acreditamos que eles representam a única maneira possível de viver.

Karl Marx não escreveu para destruir sonhos. Escreveu para nos convidar a examiná-los criticamente.

E sua pergunta continua surpreendentemente atual.

Quantas ideias que defendemos como profundamente nossas nasceram realmente de nossa experiência... e quantas apenas aprendemos a repetir, durante toda a vida, sem jamais perguntar quem nos ensinou a sonhar?